

Do Amor de Mundica

Quando já estava na dobra dos cinqüenta, foi que Mundica se influiu pra casamento e se engraçou (logo de quem, meu Deus!) do Godofredo, que tratavam por Godô, mais novo do que ela bem vinte anos, egresso duma experiência de matrimônio só no civil e apartado, fazia tempo. Trabalhava no Sítio Encantado, laborava preguiçosamente na agricultura, fazia compras na cidade, dava recados e, no mais do tempo, zanzava, sem contar as horas que dedicava com talento ao carteado.

Daí começaram a notar o desvelo da Mundica no passar a roupa do Godô, a reserva da comida melhor para o seu prato, a transferência para o bolso do cabra, das gorjetas que ela recebia dos filhos da casa, dos netos, dos sobrinhos, dos amigos que aportavam no Encantado para fins de semana ou para férias.

Maldaram muito, houve falação farta pelos alpendres e cochichos pela cozinha, até que a suspeita foi levada ao ouvido da Madrinha, em tom de denúncia. Ao que a Madrinha — gorda, imponente, simpática, bonita até na velhice, casamenteira incorrigível, ela mesma tendo contraído com sucesso dois maridos, chamou o caboclo, atacou habilmente a pergunta que resultou em resposta positiva.

Mundica foi menos firme, baixou os olhos, a voz sumiu, fez menção de chorar puxando o beíço, mas a

patroa atalhou, enérgica, pacificadora e alcovitante: —
Deixa de ser besta, negra, vamos fazer o casamento!

Dito e feito, cuidaram dos papéis da igreja, improvisaram um enxoval e, depois da bênção do vigário, ficaram morando no sítio, num quarto que tinha lá em baixo, cercado de mangueiras, um apartamento de pobre, limpo e alegre.

Mundica aportara no sítio quando navegava pelos quinze anos. Nesse tempo Madrinha ainda não tinha reincidido na viuvez, estava na vigência do segundo marido, em pleno uso e gozo do seu bom português, dono de padaria, homem de muito boa conduta, de muita palavra e de muita moral, dedicado ao trabalho e à igreja. Vinha solteiro e juntou seus recursos à fortuna da viúva, proprietária do Encantado, de casas na cidade e de fazenda no sertão. E se mais não acrescentou o novo marido, também não dilapidou, zelou e respeitou os bens que a mulher trouxera e que ela mesma continuava dirigindo com bastante sabença.

Dentro de pouco tempo, Mundica, feita dum preto fusco e limpo, conquistou toda a família: era serviçal, prestável, obediente, tímida, dava na copa, no varrimento, na arrumação da casa e, nas horas livres, praticava bordado e renda, com louvada habilidade. Ajudava na criação dos meninos e, na cozinha, embora não fosse de muita brilhatura, talvez por falta de exercício, assumia o fogão quando a titular estava de todo impedida.

Fazia companhia à Madrinha nas rezas, no tirar das novenas do mês de maio, na coroação, que ela preparava todos os anos com metódica antecedência. Era quem ensaiava os cantos com as filhas dos moradores e da vizinhança, organizava o cortejo com os anjos e as meninas vestidas de branco, fazia a coroa de Nossa Senhora, de papelão, coberto de papel de cigarro, prateado, ainda ousava desenhos com areia pintada, brilhante. E providenciava os bolos, os aluás, os refrescos, o leilão que redundava em benefício da paróquia.

Socialmente, Mundica se especializara em velórios e no acompanhamento de enterros: nunca ninguém se sepultou na cidade sem a sua presença discreta e solidária, chorando com a família, tirando o terço, rezando jaculatórias, seguindo depois o morto até a cova. Era a última a sair do cemitério.

Observava tudo minuciosamente — quem tinha chorado mais, quem parecera indiferente, as palavras de desespero do viúvo ou da viúva, as lamentações dos filhos, contava as coroas e, de volta, fazia a crônica verbal. Quando acontecia que Madrinha não podia ir, ela pegava na procuração, dava os pêsames, tomava atitude digna, compungida. E, mal voltava, ainda bem não tinha recolhido a mantilha e o terço, já Madrinha chamava, curiosa e mandona: — Vem cá, negra, vem dizer como foi o enterro.

E Mundica debulhava: — Nunca vi daquilo, Madrinha. O Chico chorava junto do caixão da mãe, chorava, chorava, depois ia na cozinha, enchia a barriga de comida e voltava de novo pro choro.

Ou então censurava: — Não sei pra que seu Guilherme chorou tanto. Vai ver, é o remorso comendo ele. Todo mundo sabe que o bicho só faltava matar a pobre da Dona Amélia, quando acaba, na hora do enterro, faz aquele estropiço, agarrado no caixão, sem querer deixar sair.

E a aparente união conjugal de Mundica continuava com o favor de Deus. Godô reinava no baralho, no samba, na conquista da mulher alheia, no descaminho de moça incauta. Era pra isto que cultivava o modelo de galã caipira, de riso velhaco e cabelo bem penteado, a roupa impecável, as camisas vistosas. Enquanto a mulher fingia ignorar-lhe as danações.

Até que, um dia, Mundica teve que tomar conhecimento de tudo. Não vê que Godô pegou amigação com uma mulher que vivia em estado de meretriz — e, uma noite, estavam os dois num boteco, chegou um antigo

freguês da sua dama, deitou pilhéria e provocação, discutiram forte, houve um rápido sacar de armas e Godô saiu perdendo, ferido gravemente. O pior é que a mulher-dama também foi apunhalada e os dois, atendidos na mesma ocasião, foram colocados no mesmo aposento, uma cama ao lado da outra. Foi aí que Mundica teve que visitá-lo, engoliu em silêncio a humilhação e ainda disse palavras de consolo — tinha fé em Deus que ele haveria de ficar bom. Mas Madrinha, que a acompanhava, defendeu a parte de Mundica: segura do seu prestígio, foi à direção do precário hospital, exigiu que os separassem, que era uma vergonha aqueles dois ali juntos.

Quando se levantou desta, Godô voltou tirando onda de arrependido, alegando a fraqueza da carne, proferindo bons propósitos, sem nenhuma convicção. Madrinha chamou-o às falas, deu conselhos com gosto de ordens e o advertiu sobre os castigos de Deus, em caso de recaída.

— Foi tudo influência, minha Madrinha. E se desculpava, sonso, em tom de comovente humildade e prometia se emendar.

Tantas e tantas fez depois Godô, que contando não se acredita. Mas Mundica não desistia, não reclamava, continuava fingindo a bem-casada, perdoando tacitamente, amando o seu homem particular, reservando para o seu prato a comida melhor e passando-lhe para o bolso insaciável as gorgetas que recebia.

E nem somando o pranto da Madrinha pelos dois maridos, igualaria o que Mundica derramou quando Godô morreu numa ponta de faca, como era de esperar, sangrado por arte dum marido traído, inconformado. Pelo que Mundica, viúva oficial, se cobriu de luto para o resto da vida.